

Construção de maquete topográfica em mdf da região central da cidade do Rio de Janeiro em 1900 (RJ - Brasil)

Gustavo Mota de Sousa*
gustavoms@ufrj.br

Mateus Ribeiro Rodriguez*
mribeiro.rodriguez@gmail.com

Laísa de Deus Abrahão*
lalazinha320@hotmail.com

Paulo Márcio Leal de Menezes*
pmenezes@acd.ufrj.br

Resumo:

A cartografia histórica é a área que se ocupa dos estudos de paisagem em um tempo pretérito, compreendendo, dentro dos estudos geográficos, uma área favorável à observação do desenvolvimento da paisagem. Este trabalho tem como finalidade, se utilizar de elementos cartografia histórica, bem como uma revisão bibliográfica sobre a história local, para apontar as principais características da paisagem da cidade do Rio de Janeiro. O recorte espaço-temporal escolhido foi o Centro do Rio, no ano de 1900, ano de publicação da Planta da Cidade do Rio de Janeiro, utilizada para a análise territorial. Dessa forma, foi criado um modelo digital com o objetivo de se construir uma maquete, representativa da paisagem carioca de então, utilizando de ferramentas da Cartografia Digital, que proporcionaram etapas importantes como extração das curvas de nível, quadras e linha de costa através de vetorização em ambiente SIG. Essas etapas favoreceram a construção da maquete como um objeto de análise espacial tridimensional representativo da realidade histórica. A construção de uma maquete pode contar ainda com diversos tipos de materiais, tendo sido escolhidas as folhas de MDF, com espessura de 3mm cortadas e gravadas em cortadora a laser no FabLab da Casa Firjan, localizada em Botafogo, Rio de Janeiro/RJ. Como resultados, são geradas representações cartográficas tridimensionais com base na planta de 1900.

Palavras-chave:

Maquete, Centro do Rio, Cartografia Histórica.

Abstract:

The Historical Cartography is the subject focused in the studies of historical landscapes within the geographic science in an approach that comprehends the observation and development of determined land. The object in this work is to evaluate the different elements in the Historical Cartography, due to bibliographic literature about the local history of the city of Rio de Janeiro, presenting the land development and changes occurred along the 20th Century. The region chosen for the analysis is the Downtown, during the year of 1900, the year of the "Carta Cadastral" production, a map built by a governmental commission to describe the region and all its territorial characteristics. To accomplish this objective, we created a digital model of this map, to build a maquete, a spatial model made in MDF, presenting mainly the ancient hills that was removed during the century by urban reforms. The stages consisted in the vectorization and digitalization of isolines, city quarters and coast lines, using GIS tools. That stages generated the spatial model of the historical landscape of the region, cutted and built using a laser cutter machine, available in the "FabLab - Casa Firjan", located in Botafogo, Rio de Janeiro/RJ

Key words:

Historical Cartography; Topographic Model; Rio de Janeiro;

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Departamento de Geografia– Instituto de Agronomia, Laboratório de Cartografia – GeoCart

Introdução:

O Rio de Janeiro apresenta, em sua estrutura, mudanças cruciais para a documentação. Essas mudanças marcam bem as feições da paisagem, que se modulam conforme o passar dos tempos, sendo uma área de vital importância para a utilização da perspectiva cartográfica histórica. A carta utilizada é data de 1900, ano que marcou o fim do século XIX, e com ele, as mais variadas formas de transição política e econômica para características mais modernas, com forte apelo industrial. O recorte escolhido para a área, então, foi o representado na figura 1:

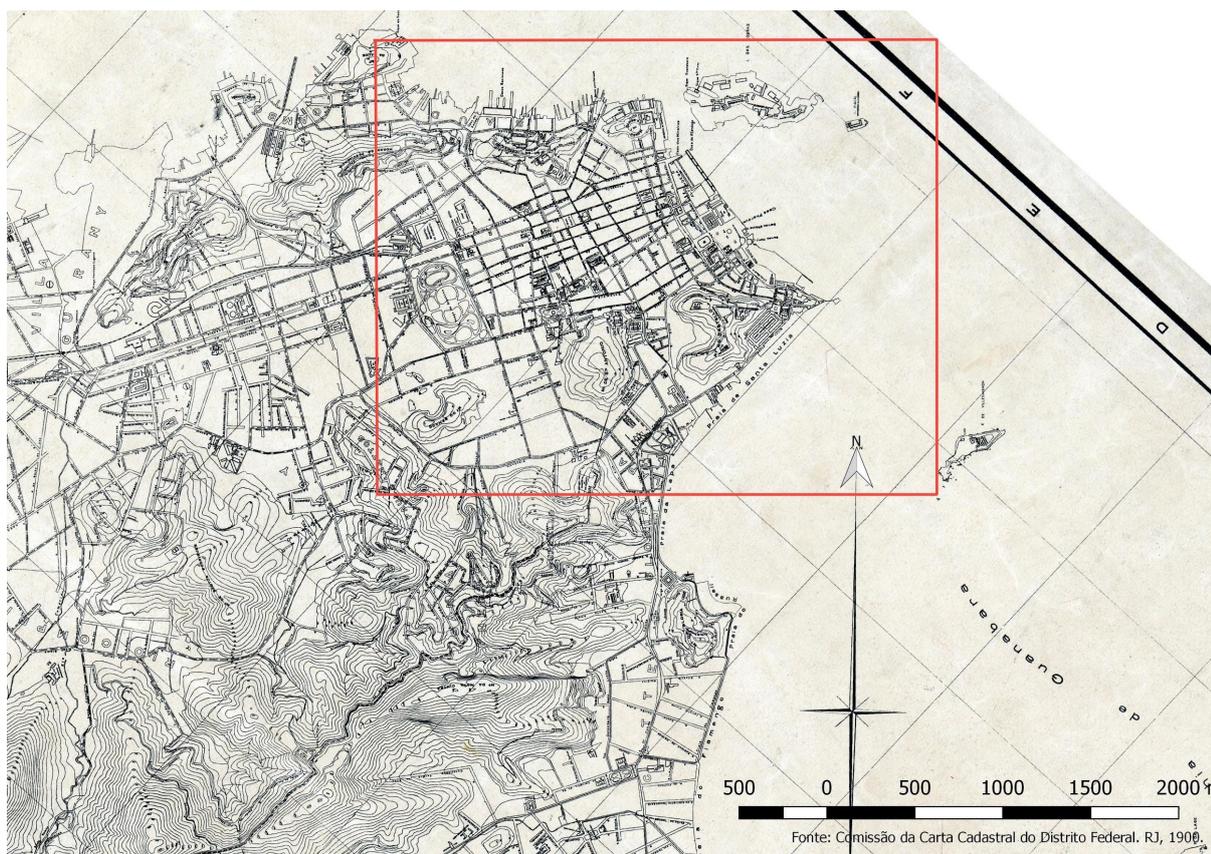


Figura 1: Delimitação da área de estudo.

A Planta foi realizada pela comissão de Carta Cadastral do Distrito Federal, sob liderança do então diretor da comissão Dr Manoel Pereira Reis e apresenta os valores altimétricos da topografia do relevo utilizando o recurso gráfico das curvas de nível, que representam os morros que foram demolidos com as reestruturações urbanas. Para a utilização da cartografia histórica, alguns pontos foram levantados na análise do mapa, como forma de estudo dos elementos territoriais, dentre eles o contexto político econômico da época, as demandas sociais, a questão habitacional e o desenvolvimento urbano, lacunas que foram sendo preenchidas com o avanço do estudo bibliográfico. Esses pontos são levantados ao longo do Resgate Histórico do Rio de Janeiro.

Buscou-se ainda elucidar os conceitos de cartografia histórica, e integrar seus métodos a uma análise geográfica. Nesse ponto, foram levantadas questões sobre acurácia dos mapas históricos, a importância de se entender uma representação cartográfica e os elementos de uma representação, além de considerações acerca de técnicas em diferentes momentos históricos. Por fim, tem-se as considerações acerca dos resultados finais e suas metodologias. Assim, o trabalho subdivide-se em três momentos, sendo o primeiro um resgate histórico da cidade do Rio de Janeiro, o segundo, um estudo sobre a utilização da metodologia da cartografia histórica para uma análise geográfica, e por último as considerações finais, apresentando a metodologia empregada para a construção do produto final.

1 – Resgate Histórico do Centro do Rio de Janeiro:

A importância do final do século XIX representa mais do que uma introdução a uma nova forma de estruturação da cidade, ela apresenta também fatores históricos que viriam a eclodir nos discursos impulsionadores da reforma anos a frente. É válido ressaltar que o momento político, a ruptura com a monarquia, a partir da proclamação da república, a abolição da escravidão e as novas urgências globais do capital são fortes elementos com implicação direta na cidade do Rio de Janeiro, nesse momento histórico, Distrito Federal.

“O final do século XIX não se caracterizou apenas pela multiplicação das fábricas no Rio de Janeiro. Outra face da mesma moeda, coincidiu também com o esgotamento do sistema escravista, com o conseqüente declínio da atividade cafeeira na Província do Rio de Janeiro e com o grande afluxo de imigrantes estrangeiros. Resultou daí um processo de crescimento populacional acelerado via migração, que agravou consideravelmente o problema habitacional da cidade, pois levou o adensamento ainda maior dos cortiços e ao recrudescimento das epidemias de febre amarela que assolavam a cidade periodicamente.” (ABREU, 1988, p.52).

Portanto, três pontos principais devem ser levados em conta: abolição da escravidão, crescimento quantitativo de fábricas no centro do rio e concentração populacional por imigração. Basicamente, o que acontecia era um paulatino desligamento com a antiga aristocracia cafeeira e uma associação com as novas indústrias que surgiam. A principal mão-de-obra utilizada para a agricultura era o trabalho braçal realizado por negros escravizados. Com a abolição da escravidão, o decaimento da agricultura aos poucos abria espaço para o crescimento do setor industrial, que timidamente se iniciava pelo centro do rio com a produção de sapatos, chapéus e acessórios. Esse setor demandava nova mão-de-obra. A busca por essas oportunidades rendeu ao imigrante um certo objetivo para trabalho, fazendo com que crescesse o número de operários pela cidade. A concentração populacional estava ligada à oferta de empregos e o centro do rio acabou abarcando boa parte da população operária.

O final do século XIX representou então uma nova forma de estruturação urbana, que viria acoplada a uma questão habitacional ampla. O que aconteceu foi que a cidade não comportou o crescimento populacional, ou tampouco estava preparada para a modernidade vigente. A população imigrante passou a concentrar-se nos cortiços, bem como populações

mais pobres de ex-escravizados. A falta de saneamento somada ao progressivo aumento populacional, rendeu à cidade uma epidemia de febre amarela (ABREU, 1988). Com isso, um determinado discurso de higienização e saneamento começa a ganhar corpo. O ano de 1894, por exemplo, foi decisivo, quando a oligarquia cafeeira retomou o poder político, definindo-se a partir do governo de Rodrigues Alves, que indicou para prefeito da cidade um dos responsáveis pelo antigo Plano da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro. Começa-se assim, um poderoso momento de reformas, como nunca vistas até então. Eis o fim do primeiro ciclo da urbanização representada no trabalho: o fim do século XIX, estando cartograficamente bem marcado pela realização da Planta da Cidade, pela Comissão da Carta Cadastral. O século XX inicia-se ainda com os vestígios da Febre Amarela, e a concentração popular nas proximidades de indústrias. Novas ideias de enquadramento da cidade nos moldes do capital global e pautadas no melhoramento da estrutura urbana começaram a ferver no meio político e entre as elites. Era preciso desvincular o Rio do olhar danoso de que a cidade era sinônimo de insalubridades. Nascia um novo *status* para a cidade, que fizesse frente às rivais platinas, a nível arquitetônico, ou mesmo que fosse comparável a grandes cidades europeias. Esses elementos centrais são relacionados principalmente ao surgimento de uma nova elite, cosmopolita, arraigada à economia cafeeira, que, com seus novos impactos, buscavam na cidade um ar mais receptivo, voltado à ampliação de circulação, de pessoas e mercadorias, bem como ao uso de automóveis, com uma nova indústria que, aos poucos, ganhava expressividade entre as classes mais poderosas. A reestruturação urbana do Rio de Janeiro veio seguindo, então, uma linha de pensamento político-econômico, vinculada às elites locais.

“[A cidade] ia perdendo pouco a pouco, o aspecto pictoresco e inconfundível de grande villa portuguesa. Modificara a feia e pesada edificação colonial e banira arcaicas usanças commerciaes. Abandonara para sempre a indumentária desataviada, como que num gesto de repulsa de senhora de alta distinção. Queria ser nova e bonita, com automóveis a aguçarem-lhe a ânsia de vida farta e confortável” (NORONHA SANTOS, 1934, p. 229).

Representando as elites locais e com a mesma ideia de expansão e reestruturação carioca, a figura símbolo das renovações modernas cariocas é assumida pelo prefeito Pereira Passos, cujas reformas foram as mais impactantes até então. O plano de Reforma Passos seguiu inicialmente reorganizando estrategicamente órgãos do governo. A Comissão da Carta Cadastral, por exemplo (citada amplamente no trabalho) foi reestruturada, tornando-se instituição responsável pelo apoio logístico necessário às obras a serem realizadas, outrora denominadas “Saneamento e Embelezamento da Cidade”. Em termos práticos, essa reorganização da Comissão, agora chamada de Serviço da Carta Cadastral, contribuiu inicialmente para o recuo dos edifícios e numeração e uniformização dos planos de alinhamento de ruas.

Os planos de alinhamento visavam a ampliação de ruas e vias, bem como a ligação do centro com os demais bairros pela proximidade. Após a conclusão do arrasamento do morro do Senado, por exemplo (representado nos mapas e na maquete), foram inauguradas as ruas Mem de Sá e Salvador de Sá, ligando a Lapa ao Estácio. Foram demolidas,

entretanto, inúmeras residências de populações mais pobres nas freguesias de Santo Antônio e Espírito Santo, atingindo principalmente os bairros operários. Algumas outras vias podem ser citadas, como Estácio de Sá, Frei Caneca, Assembléia, Uruguaiana, Carioca e Visconde do Rio Branco, além de calçamento asfáltico em bairros como Catete, Glória, Laranjeiras e Botafogo, ou até mesmo o próprio centro, e abertura de avenidas que possibilitariam maior acessibilidade entre áreas de zona sul - centro como a Av. Beira-mar.

A possibilidade de ampliação e construção dessas ruas foi proporcionada pela demolição de diversos cortiços, fazendo com que milhares de famílias, especialmente de populações pobres, fossem desalojadas, o que acarretou um grande problema habitacional na cidade. A intenção era a de transformação do centro da cidade em área de comércio e serviços.

“O surgimento da área central se fez pela saída voluntária de funções que ocupavam a velha cidade, principalmente a residencial, e pela penetração de atividades provedoras de bens e serviços” (MOTTA apud. CORBARI, 2008, p. 55).

Devido ao grande número de desapropriações, Passos buscou criar condomínios de operários, com aluguéis a baixo custo. Evidencia-se aqui uma das contradições espaciais providenciadas pelo estudo histórico da reforma Passos. O fato da desapropriação ter sido parcialmente resolvida pelo prefeito gerou novas contradições. A população desapropriada passou a ocupar-se de moradias situadas nos morros concentrados no centro da cidade, compondo o que hoje é uma das paisagens mais marcantes nas feições urbanas do Rio de Janeiro: a favela. Assim, a Reforma Passos representa um marco na mudança do Rio de Janeiro colonial-escravista a um novo modelo de cidade, aos moldes do capital. Demarca-se aqui, a fundamental participação do Estado na intervenção direta sobre o urbano e no incentivo à reprodução de diversas unidades do capital. O marco representado consolida o Rio de Janeiro dentro de uma modernidade cujas cicatrizes e contradições podem ser observadas até hoje na paisagem urbana carioca.

Outras mudanças ocorridas ao longo do século XX, que demarcam diferenças nas pontuações da paisagem da Planta de 1900 foram citadas por Corbari em sua tese, sendo elas a construção da Avenida Central, representando milhares de remoções, chegando a dois ou três mil prédios com numerosas famílias, populações mais pobres; o arrasamento do morro do Castelo, em 1920, com um discurso de a abertura da cidade “a novos ares” e ampliação do espaço urbano, tendo começado a ser demolido em 1904, quando perdeu sua ladeira mais íngreme para a construção da Av. Central; e, ainda a construção da Av. Presidente Vargas, datada de um período de extrema busca pela modernização do espaço urbano carioca em uma cruzada contra sua própria obsolescência, juntamente com a construção do Aeroporto Santos Dumont e da urbanização da Esplanada do Castelo (CORBARI, 2008).

2 - Possibilidades de análise geográfica pelo método da cartografia histórica:

O que entende-se por cartografia histórica é o estudo de mapas antigos, mapeamentos de fenômenos em tempos

pretéritos, com representação visual de localidades e paisagens. Contextualizados os elementos, evidenciam os meios com os quais a sociedade dialogava com o espaço. Como aponta Corbari, referenciando os autores Rumsey & Williams: “o grau de acurácia de um mapa nos diz muito a respeito do estado da arte do entendimento tecnológico e científico na época de sua criação.” (RUMSEY & WILLIAMS apud. CORBARI, 2008 p. 24). Difere-se da cartografia atual, além da tecnologia, por sua própria composição. Os mapas atuais contam com diversos elementos que tornam sua linguagem mais dinâmica, e que de fato transformam o conceito da representação geográfica no que pode ser chamado de mapa, com a utilização de, por exemplo, escala, orientações, coordenadas e demais elementos de composição cartográfica.

Mapas antigos, entretanto, não são representações aquém, nem devem ser considerados errados, ignorados ou substituíveis, por conta de sua pouca efetividade com relação a fidedignidade matemática entre o planeta e o plano em que é transcrito. Sabe-se das limitações técnicas do passado, e ainda assim é necessário elucidar a relevância do estudo cartográfico histórico para o entendimento de questões sobre as quais outras linguagens não seriam suficientes. Quanto a isso, a abordagem do autor Pedro de Almeida Vasconcelos aponta:

“Para a geografia urbana histórica, a cartografia de cada época tem uma importância fundamental — apesar das imprecisões, das impossibilidades de uma mensuração correta, das diferenças de escala etc. —, porque os próprios mapas são marcos definitivos de etapas das transformações espaciais da cidade, nos dando uma informação precisa (em diferentes graus) do que já existia, do que estava consolidado, e do que tinha importância em ser registrado e mapeado (desde a superfície documentada, até o que é representado ou colocado em destaque: igrejas, fortificações, logradouros etc.” (VASCONCELOS, 1999, p.192)

Reitera-se aqui a ligação entre o desenvolvimento urbano e a cartografia, traçada pelo autor. O que se propõe, portanto é a ideia de que: estando relacionada a um determinado período histórico, a cartografia demarca seus elementos de representação e facilita, por meio da linguagem cartográfica, o entendimento de determinado fenômeno geográfico pretérito (nesse caso a paisagem urbana) pelo usuário atual do mapa. É necessário entender ainda, que a análise de mapas históricos requer um certo nível de abstração, o que significa que alguns elementos são marcas de temporalidade no objeto representado. Não é incomum, portanto, que determinados mapas carreguem consigo simbologias muito diferentes das conhecidas nos mapas de hoje, além de signos, desenhos, representações de monstros, como os traçados em mapas náuticos no tempo das navegações, que evidenciam a capacidade, quase artística, de um mapa em concentrar até mesmo uma grande carga cultural, além das tecnologias da época, representando muito mais do que posições geográficas.

O fato da reprodução cartográfica representar um determinado impacto na análise geográfica não é por acaso. A construção da metodologia cartográfica e os debates acerca do objeto da geografia permitem que essa análise seja fomentada dessa forma. Inclusive, as próprias formas de representação são, por si só, elementos centrais para o en-

tendimento geográfico. Muitas vezes essas formas são apresentadas não só na cartografia, mas marcadas diretamente na paisagem. Fazendo uma analogia ao conceito de rugosidades, para a geomorfologia, Milton Santos assimila as marcas da paisagem como resultados de um determinado modo de vida da sociedade:

“As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. Assim, o espaço, espaço-paisagem, é o testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo.” (SANTOS, 2002, p.173)

As formas da paisagem somam-se e diferenciam-se de seus tempos anteriores. A ideia de produção e reprodução espacial põe em evidência a fluidez do espaço ao longo dos tempos, seguindo caminhos fomentados pela técnica, meios de produção e o capital. Dessa forma, mapas representam a paisagem tal como era no momento de sua elaboração. Mapas históricos são, portanto, meios pelos quais podemos analisar geograficamente paisagens antigas e mudanças ocorridas pela submissão aos modos e técnicas empregadas.

Olhar o mapa e suas representações desenvolve muito sobre a forma temporalmente contextualizada de se lidar com a paisagem, bem como as técnicas empregadas para a produção de determinadas formas espaciais, as demandas e até mesmo o modo de vida de dada população. Dados marcados na paisagem e representados por cartografias conizentes com seus tempos.

Ainda assim, é necessário fazer ressalvas. A cartografia tende a apresentar mais elementos do que o mero posicionamento de fenômenos espaciais, mas ainda é uma forma de representação. E como tal, utiliza-se de generalizações, simplificações, fusões ou simbolizações por não poderem representar o todo em sua verdadeira grandeza (CORBARI, 2008). Outro autor que aborda o assunto, Prof. Adriano Andrade, aponta:

“Sobre os limites técnicos, eles são de várias ordens, a exemplo das imprecisões acerca do que era cartografado, é possível observar em mapas de períodos similares, crassas diferenças num dado físico (desenho litorâneo, percurso de um rio ou localização de uma unidade do relevo), ausência de informações como a presença de vilas, freguesias e pontos ou mesmo equívocos nos dados apresentados como a localização de sedes de freguesias em lugares onde já havia vilas erigida.” (ANDRADE, 2013, p.3)

A não representação do todo, não é exclusividade dos mapas antigos, os mapas atuais também não representam a totalidade com sua maior fidedignidade. Há, contudo, o surgimento de novas tecnologias, e as ferramentas do chamado SIG (Sistema de Informações Geográficas), que facilitam o estudo cartográfico com o máximo de eficácia possível dentro das limitações técnicas dos tempos atuais, aumentando a capacidade de abrangência das geotecnologias e apresentando maior potencial de conhecimento territorial.

Tomando, então, como proposição uma análise contundente dos mapas históricos, é possível se fazer utilização de

novas tecnologias que auxiliem na reprodução desses mapas em outros materiais, ou mesmo a análise, por meio de ferramentas em ambiente SIG. A expansão tecnológica permite que as geotecnologias revisitem mapas históricos sob novas perspectivas e possam extrair mais informações sobre as condições espaciais do período ao qual pertence o objeto. Salienta-se também a importância da utilização de outras formas documentais para a aquisição de dados sobre o recorte espaço-temporal utilizado, seja por meio de gravuras, fotografias, textos ou livros que possibilitem o estudo da área escolhida.

A escolha da construção de uma maquete, por exemplo, favoreceu a aproximação entre o teor técnico do ano de 1900 no Rio de Janeiro, por meio da Planta da Cidade realizada pela Carta Cadastral do Distrito Federal, e as novas tecnologias de produção de materiais, utilizando-se de uma cortadora à laser para a produção final, ou seja, a representação tridimensional do Centro Histórico do Rio em folhas de MDF 3mm. A metodologia utilizada pode ser observada na figura 2:

A cartografia histórica é tratada aqui, então, como uma forma de representação de uma determinada paisagem, em todos os marcos e rugosidades apresentados pela Planta. A metodologia ramificou-se a partir da delimitação do recorte espaço-temporal, tendo sido escolhidos o Centro Histórico do Rio de Janeiro no ano de 1900. Definido o recorte, a linha da pesquisa dividiu-se entre o aparato técnico, seguindo para a vetorização das camadas representadas na Carta, e o aporte teórico proporcionado pela caracterização da área de estudo, com a aquisição de dados históricos sobre a área, tendo sido utilizados nessa etapa primeiramente o livro “Evolução Urbana do Rio de Janeiro”, de Maurício de Abreu, e a tese de doutorado de Douglas Corbari.

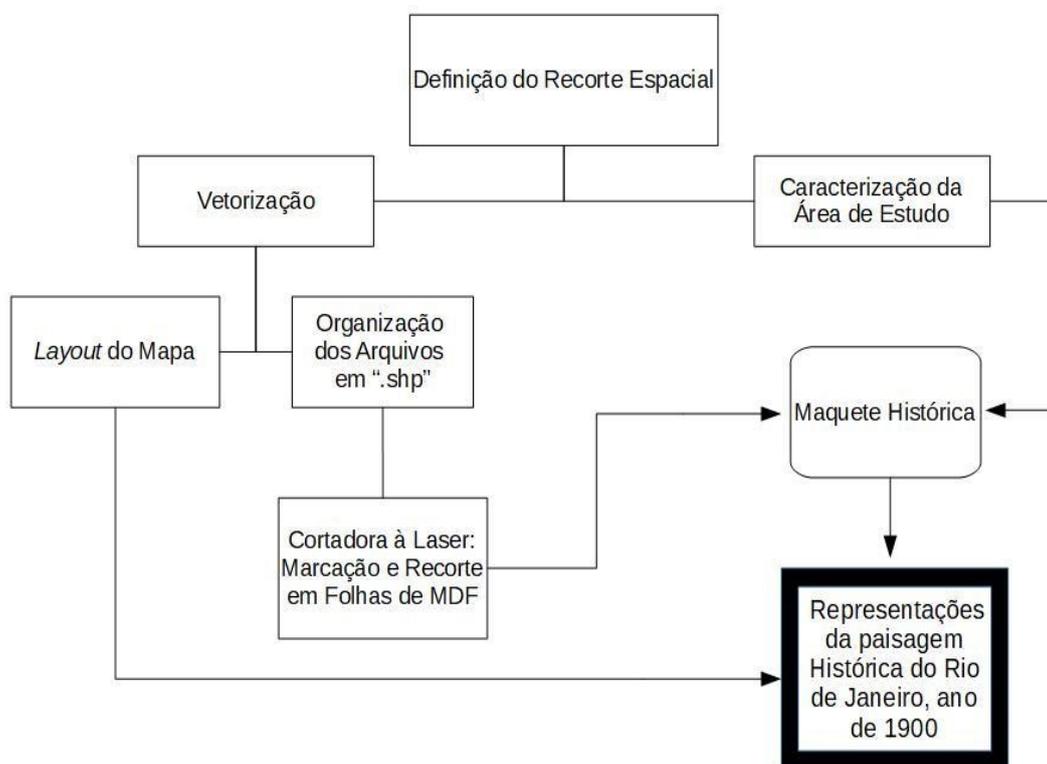


Figura 2: Fluxograma Metodológico.

A partir, então, da vetorização, foram construídos dois caminhos: o primeiro foi o *layout* do mapa vetorizado, utilizado para fins de observação bidimensional, o segundo foi relacionado à organização dos vetores gerados, no programa da cortadora a laser, *RDWorks*. Com os vetores devidamente recortados foi possível construir a maquete, entendendo a importância da reunião de dados históricos, gerando a Maquete Histórica, como ferramenta de representação tridimensional da área de estudo. Por fim, com todos os dados reunidos, o *layout*, como representação bidimensional e a maquete em três dimensões, pôde-se efetivar os estudos no recorte desejado, a Paisagem Histórica do Rio de Janeiro no ano de 1900.

A construção da maquete partiu da sobreposição das camadas. Inicialmente, marcando as quadras, as curvas de nível e linhas de costa em folha de MDF, utilizando a cortadora a laser. Essa marcação deu origem à base (Figura 3). Já as curvas de nível foram feitas por recorte (Figura 4), também na cortadora, tendo sido sobrepostos, formando o relevo da época, proporcionando uma fácil visualização dos elementos da paisagem, apresentando os fatores citados pelas fontes históricas em um plano tridimensional.



Figura 3: Marcação da Planta na base da maquete



Figura 4: curvas de nível

3 – Resultados e considerações finais

O uso da maquete como produto final amplia a bidimensionalidade apresentada pelo mapa. Alguns elementos podem ser de mais fácil visualização, como o caso dos relevos. Além de uma facilitação na observação da paisagem que, se levadas em consideração as mudanças ocorridas, apresentam forte contraste. O layout do mapa bidimensional pode ser observado na figura 5:

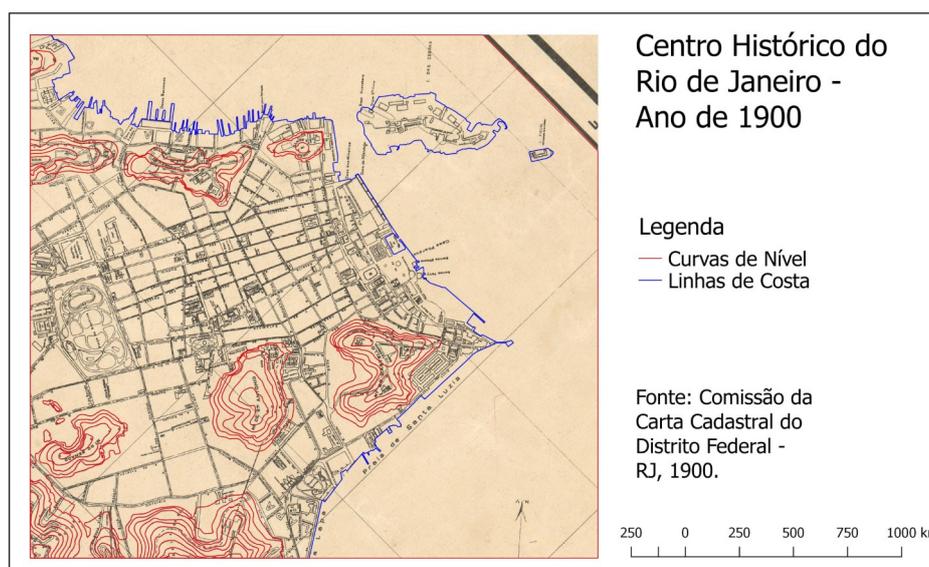


Figura 5: Layout do mapa histórico

Como produto final, a representação tridimensional do mapa apresentado, que caracteriza a Maquete Histórica do Rio de Janeiro no ano de 1900, é apresentada na figura 6:



Figura 6: maquete do centro histórico do Rio de Janeiro, ano de 1900.

A utilização dos novos meios de produção cartográfica, mesclados a mapas históricos, evidencia, portanto, o caráter interdisciplinar da cartografia histórica, articulando discussões da geografia histórica com o meio técnico da cartografia e com a construção de uma ferramenta didática. Construir a maquete representa, então, uma possibilidade de ramificação da linguagem cartográfica para outros meios, facilitando a observação do usuário, e, neste caso, possibilitando a reconstrução imagética de um determinado tempo histórico.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, M. A. (org.). A Evolução Urbana do Rio de Janeiro. 2.a Ed. Rio de Janeiro: IplanRio/Zahar, 1988. 147 p.
- ANDRADE, A. B. A. Cartografia Histórica como instrumento para análise de configurações espaciais pretéritas. O uso de mapas conjecturais. V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Petrópolis, 2013. 17 p.
- MOTTA, M. P. O Centro Comercial do Rio de Janeiro na Segunda Metade do Século XIX – Reflexões sobre a Noção de Área Central na Cidade do Passado. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ. 2001.
- NORONHA SANTOS, F. A. Meios de Transporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1934 vol. 2. p. 229.
- RUMSEY, D.; WILLIAMS, M. Historical Maps in GIS. In: KNOWLES, A. K. (editor). Past Time, Past Place: GIS for History. Redlands, California: ESRI press, 2002. P. 1
- SANTOS, M. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EdUSP, 2002
- VASCONCELOS, P. A.. Questões metodológicas na Geografia Urbana Histórica. In: VASCONCELOS, P. de A.; SILVA, S. B. de M. (org.) Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira. Salvador: UFBA/Mestrado em Geografia, 1999, p.191-201.

